

ARTE COM A FIBRA DO CROÁ

A ARTE NA PALMA DA MÃO

Apresentação

O Distrito de Pindoguaba fica situada numa região de carrasco no município de Tianguá na Chapada da Ibiapaba, a 18km da sede, fazendo fronteira com o município de Viçosa do Ceará e com o Estado do Piauí.

As primeiras famílias chegaram por volta de 1880, vindo de Viçosa do Ceará, lideradas pelo Sr. Manoel Inácio da Silva e chamaram o lugarejo de Palmeiras, devido a abundancia dessa espécie vegetal que serviam de alimento. Durante quase 30 anos nada mudou, em 1910 começou um trabalho de catequese e uma das filhas de Sr. Inácio, Dona Venerana doou um terreno para a paróquia e em 1912 foi construído uma capela em regime de mutirão, sendo escolhido como santo padroeiro São João Batista.

Em 1948 a comunidade passa a ser distrito de Tianguá e recebe o nome de Pindoguaba, devido a existência de um olho d'água chamado Pingo d'água, sendo sugerido pelo então Padre José Carneiro, vigário da comunidade.

Tem características urbanas e rural, com uma pequena vila onde existem 190 residências, deposito de alimentos e Associação comunitária, grupo escolar creche, unidade básica de saúde, templos católico e evangélico, com cobertura de abastecimento de água e energia. O censo de associativismo é muito forte na comunidade, devido aos laços de sangue.

As terras utilizadas para agricultura e pecuária são terras devolutas, ou seja, agriculturas de sequeiros com o cultivo de culturas de subsistência como: milho, feijão, mandioca, caju ou o cultivo de verduras, frutas e hortaliças às margens do açude jaburu. Além do trabalho na agricultura a comunidade se dedica á criação de animais como: bovinos, caprinos, suínos, ovinos e aves, toda a produção é usada para o consumo interno ou comercializada nas feiras livres para o complemento da renda familiar. Outra atividade observada na comunidade é a quebra de pedra tosca, assim como o comercio de artesanato e produtos alimentícios como o fubá, a multimistura, doces e sucos de frutas regionais.

Porém é possível perceber que a cultura da comunidade vem sofrendo modificações ao longo dos anos, devido ao poder aquisitivo introduzindo novos produtos de consumo que ao poucos contribuem para a mudança de postura e de valores sociais e econômicos de seus membros, exemplo disso é a extração do Caroá, que durante quase 50 anos foi à base econômica da comunidade, atividade que aos poucos

foi perdendo seu valor econômico por falta de demanda no mercado, que apesar da abundância da matéria prima estava praticamente desaparecendo.

Fibras e Tramas do Croá

Revitalização e Valorização Cultural

O trabalho com o croá remonta uma prática antiga, que era realizada pelos residentes de Pindoguaba como forma de buscar suprir necessidades financeiras. Antigamente faziam trançados de corda e mantas de animais para vender na feira, também produziam redes para uso próprio. Com o passar do tempo e com a chegada da corda industrializada, perdeu-se o sentido de continuarem com a prática que até então desenvolveram, pois, o preço da corda já não compensava mais o trabalho.

Atualmente, para melhor se expressar, o homem passou a aperfeiçoar o trabalho esteticamente, direcionar sua fabricação a confecção de objetos artesanais, causando com isso, impacto no grupo social ao qual pertence. Neste sentido, cada objeto artesanal não existe em si mesmo como sendo objeto separado do seu contexto social e cultural.

O artesanato de Pindoguaba, como está sendo trabalhado hoje, numa parceria entre o SEBRAE e a Prefeitura Municipal de Tianguá, nos transmite mensagens que muitas vezes atestam à presença de um ser que pretende apresentar sua comunidade através da arte. Seus modelos criativos reproduzem o contexto social ao qual fazem parte e quase sempre estão carregados de traços anatômicos e figuras assimétricas que expressão a criatividade dos artesãos.

O homem adaptou seu trabalho aos diversos aspectos relacionados ao meio social em que está inserido e assim passou a reviver e reinventar novas formas de aproveitamento da fibra do croá. Criou-se uma variada morfologia entre as diversas culturas e a interação da comunidade com outros meios produtivos passou a gerar novas perspectivas e abrir novos caminhos.

O processo de criação e recriação de peças artesanais está intimamente ligado à experiência de vida dos artesãos que tem o papel de transmitirem o cotidiano da comunidade através de sua arte. Cada artesão guarda em sua memória uma variedade de

experiências de vida que ajudam a construir uma identidade artesanal que passa a caracterizá-lo no meio social.

Os objetos artesanais estão relacionados com um conjunto de práticas sociais, tais como: os dramas, o bumba-meu-boi, o reisado de caretas, o maneiro pau, quadrilhas juninas, dentre outras que se caracterizam por possuírem uma forma própria de expressão. Salientamos ainda que a fala e os gestos, presentes nas manifestações culturais da comunidade, também ajudam na construção dessa identidade e possuem forte poder de comunicação, variando de acordo com a manifestação e imaginação de cada pessoa participante, já que o movimento corporal e a fala, muitas vezes improvisada, garantem uma comunicação expressiva que se utiliza de linguagens próprias. Destacamos ainda a facilidade que os brincantes têm de criar regras e estabelecer comportamentos e ações, sendo que cada personagem trás em si uma história anterior a ele e que determina seus modos de agir.

Diante desse contexto, posso dizer ainda que: “A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra”. Nesse jogo de diferenças, cada um se torna sujeito de um processo contínuo em construção, assim como cada artesão em particular apresenta aspectos diferentes diante dos diferentes “brincantes” das manifestações locais, porém, os elementos pertencentes aos folguedos populares inspiram o trabalho dos artesãos.

Nosso desejo não é só o de unir a confecção artesanal com os diversos grupos de folguedos populares com o objetivo de atrair o turista para a comunidade e possibilitar a geração de emprego e renda, mais, sobretudo o desejo de preservar, ampliar e difundir o trabalho realizado pela comunidade, além de registrar esses momentos, pois como coloca Dias: “A memória de suas vidas [dos artesãos e brincantes] vai se perdendo antes por um esquecimento ideológico do que por efetiva ausência dos documentos”. Daí a importância dessa tipologia artesanal com todas as suas técnicas e o contexto social que gira em seu redor de si, sendo, portanto, necessário preservar ambos. Charter observa que: “é inútil querer identificar a cultura popular a partir da distribuição supostamente específica de certos objetos ou modelos culturais. O que importa de fato, tanto quanto sua repartição, sempre mais complexa do que parece, é a sua apropriação pelos grupos ou indivíduos”. Cada grupo faz uma releitura própria do trabalho desenvolvido e os artesãos juntamente com os grupos de folguedos, apoiados aos bens naturais de sua comunidade constituem a identidade cultural.

A relação do desenvolvimento de uma tipologia artesanal com o turismo local e regional é um ponto que merece ser analisado, como forma de estabelecer uma relação geradora de emprego e renda, onde se pretende não só mostrar o artesanato, mais também os bens materiais e imateriais que existem dentro da comunidade. Mostrando dessa forma que também existe o lado alegre dos residentes e que sua história tem relevância e peso, assim como seus bens naturais podem está à disposição dos turistas, bem como suas casas podem servir de apoio domiciliar para os visitantes.

Em relatos colhidos na própria comunidade, indagando a respeito da vontade que os residentes têm de estabelecer esse elo com grupos turísticos, constatamos que a comunidade é bastante unida e que dependendo dos moradores estará totalmente aberta a realizar esse tipo de relação, como esclarece o Líder comunitário José Antonio:

“Sabemos que o caminho é longo e conhecemos as dificuldades a serem enfrentadas, portanto, precisamos caminhar firmes para estabelecer essa relação”. Para que isso seja possível, necessitamos fortalecer o grupo de artesãos para que estejam preparados para assumir seu papel nesta empreitada.

O relato do líder comentário deixa clara a maturidade da comunidade e a vontade de reinventar a vida, buscando novas alternativas para enfrentar o problema de geração de emprego e renda entre a população mais jovem.

A Pesquisa

A pesquisa será realizada em torno da matéria prima para a confecção de peças artesanais e sua sustentabilidade. Entraremos em contato com pessoas simples que ao longo de suas vidas dedicaram parte do tempo à confecção de peças artesanais e através desse contato buscaremos registrar e relacionar a contribuição econômica e cultural dessa atividade para a comunidade.

Ao longo dos contatos, buscaremos indagar a respeito da utilização de diversos materiais e as técnicas de confecção passando pelo croá, argila, gesso, madeira, latão, tecido, couro, entre outros objetos de valor cultural agregados ao processo.

Através de relatos orais pretendemos trazer a tona comportamentos e ações que estão relacionadas ao artesanato em seu contexto sociocultural e que passaram a fazer parte da construção de uma história relacionadas à experiência de vida de pessoas simples que residem na comunidade, estudando a valorização do conhecimento dessas pessoas dando oportunidade de imortalizar suas ações, sentimentos e emoções através desse trabalho. Tendo em vista que o grupo vem desenvolvendo uma tipologia artesanal que ainda não foi trabalhada por nenhum município cearense.

Dentro desse contexto, buscaremos realizar um trabalho em torno das técnicas e materiais utilizados para confecções artesanais, bem como compreender a função social dessa atividade junto à comunidade na qual ela está inserida.

Além do trabalho artesanal que vem sendo trabalhado, detectamos que o Distrito possui potencial turístico, que também será pesquisado no sentido de catalogarmos os bens naturais, materiais e imateriais, já que observamos a existência de casarões antigos, cachoeiras, açude, enfim, uma infinidade de elementos que fazem parte da comunidade, assim como, algumas manifestações culturais tais como: os dramas, o bumba-meu-boi, o reisado de caretas, o maneiro pau, quadrilhas juninas, dentre outras.

Figuras populares também são comuns em seu contexto sociocultural e passam a fazer parte da construção de uma história relacionada à experiência de vida dos residentes e da comunidade.

A valorização das artes manuais representadas através da ação manual e de técnicas empregadas por pessoas que trazem em suas vivências recordações de peças realizadas em suas comunidades e que tem por característica a construção e reconstrução de motivos artísticos que possam identificar seu valor cultural torna-se relevante a qualquer trabalho de pesquisa.

Os grupos Flor do Croá não é o único possuidor do saber que pretendemos registrar, apenas faremos um recorte para que possamos melhor trabalhar, pois, consideramos a comunidade como local potencial para este trabalho, conforme explica Michel de Certeau em “A operação histórica”, pois não teríamos condições de realizar um trabalho dessa dimensão sem antes fazer um recorte de grupos e comunidades que julgamos ter muito a contribuir para nosso objetivo. Cada localidade guarda entre seus residentes, histórias compostas por pessoas comuns, com experiências de vida variadas

e que em geral possuem uma renda abaixo do esperado para satisfazer necessidades básicas.

Acreditamos ser de fundamental importância, para a memória de nosso município, preservar o artesanato local, por esse motivo resolvemos estudar construções artesanais comuns, praticadas dentro da comunidade de Pindoguaba, onde buscaremos entender como os moradores às compreendem como veículo de comunicação, buscando também entender outras características que possam vir a ser analisadas frente às experiências vivenciadas e relatadas por cada participante.

Nesse trabalho objetivamos reorganizar um conjunto de práticas sociais que se caracterizam por possuírem uma forma própria de existir, salientando que as peças confeccionadas possuem forte poder de comunicação.

Concordando com Charter quando observa: “é inútil querer identificar a cultura popular a partir da distribuição supostamente específica de certos objetos ou modelos culturais. O que importa de fato, tanto quanto sua repartição, sempre mais complexa do que parece, é a sua apropriação pelos grupos ou indivíduos”. E é essa apropriação que procuramos compreender e incentivar. Cada grupo faz uma releitura própria do seu trabalho, sendo assim, uma peça pode contar com inúmeras diferenças em se tratando de artesãos diferentes, pois as características de cada uma dependem da forma com que o artesão a recria diante do seu pensamento. Diante desse contexto, podemos dizer ainda que: “A diferença [de um artesão pra outro] é aquilo que separa uma identidade da outra”. Nesse jogo de diferenças, cada um é sujeito de um processo contínuo em construção.

Sabendo que, “... toda comunidade carrega dentro de si uma história multifacetada de trabalho, vida familiar e relações sociais à espera de alguém que a traga para fora”, nos propomos a ser esse “alguém”, que busca “trazer para fora” as ações, os sentimentos e emoções de pessoas ligadas ao artesanato.

Bibliografia

- BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular: Leituras de operários**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes 1986.
- CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. 6ª reimpressão, São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 2. ed. DP&A editora, [199-]
- HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Tradução: Cavalcante, 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- SANTA ROSA, Nereide Schilário. **Festas e tradições**. São Paulo: Moderna, 2001.
- THOMPSON, E.P. **Costumes em comum - Estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- ULISSES, Ivaneide Barbosa. **Caretas: festa e Performance dos Brincantes da cidade de Jardim-Ce**. Fortaleza, UFC, Dissertação de Mestrado em História Social, 2004.
- VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. 2. ed. Brasília: ed. UNB. 1992.
- WOODWARD Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. **IN.: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes,2000. pp.7-65

